

AS LENDAS URBANAS CONTEMPORÂNEAS E O COMPARTILHAMENTO SOCIAL DE RECURSOS AUTORITATIVOS

Giana Targanski Steffen (UFSC)
steffen@cce.ufsc.br

Introdução

O advento da Internet propiciou o surgimento de uma série de novos gêneros textuais. Entre eles, estão as Lendas Urbanas Contemporâneas. As Lendas Urbanas parecem ter surgido, em sua tradição oral, nos campi universitários dos Estados Unidos na década de 60 (BRUNVAND, 1981). Contudo, com o auxílio tecnológico da correspondência eletrônica, muitos desses textos originais foram escritos e tiveram sua propagação disseminada para diferentes contextos. Além disso, as facilidades da nova tecnologia impulsionaram também o surgimento de novas Lendas. São essas Lendas, transmitidas hoje principalmente pela Internet, que chamamos Lendas Urbanas Contemporâneas (LUCs).

Tais estruturas narrativas, fabulosas, mas nem sempre falaciosas, apresentando elementos de mistério, horror e medo, se passam em ambientes triviais e tratam de personagens comuns, de modo que o leitor pode facilmente se identificar com eles. As LUCs têm sido amplamente estudadas pelos estudos de Folclore, que as veem como uma resposta coletiva aos medos, anseios e crenças de determinados grupos sociais (HARDING, 2005; BRUNVAND, 1981, 1993, 2002; BEREMBAUM, 2001).

O presente trabalho apresenta uma discussão das LUCs sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 1995, 2001). Dessa forma, o uso da linguagem é visto aqui como uma forma de prática social, e a relação entre língua e sociedade é bidirecional: assim como os textos são influenciados pelo contexto social aonde surgem e se reproduzem, eles também possuem o potencial de preservar ou desafiar as estruturas discursivo-sociais vigentes. Sendo assim, podemos dizer que o discurso realiza uma função ideológica, e, para que tais aspectos ideológicos de um texto possam ser desvelados, é necessário investigar aspectos de sua produção, consumo e efeito social.

Aqui, com o objetivo de enfatizar a inter-relação entre as LUCs, ideologia e poder, faço uso da Teoria da Estruturação (GIDDENS, 1984), focando na alocação social de regras (códigos de significação social que legitimizam o comportamento humano); na distribuição de recursos alocativos e autoritativos; e, na prescrição de papéis que influencia a ação humana através das prerrogativas e obrigações relacionadas as posições e identidades sociais.

1. As Lendas Urbanas Contemporâneas enquanto Gênero Textual

Os gêneros textuais podem ser entendidos como atividades semióticas. Em outras palavras, atividades de produção e interpretação de significados. De acordo com Van Leeuwen (2005), são três os aspectos que caracterizam os gêneros: conteúdo, forma e função. Olhemos então para o seguinte exemplo de LUC¹:

¹ Retirado do banco de dados da autora, que desde 2009 vem coletando tais textos como parte de sua pesquisa de Doutorado.

IMPORTANTÍSSIMO

Aviso da Polícia Militar SC

Você e seus amigos estão num bar, batendo papo, tomando uma cervejinha e se divertindo.

De repente, chega um indivíduo e pergunta de quem é o carro tal, com placa tal, estacionado na rua tal, solicitando que o proprietário dê um pulinho lá fora para manobrar o carro, que está dificultando a saída de outro carro. Você, bastante solícito, vai e, ao chegar ao seu carro, anunciam o assalto e levam seu carro e seus pertences. E ainda tem sorte senão levar um tiro...

Numa mesma noite, o resgate da Polícia Militar atendeu três pessoas baleadas, todas envolvendo a mesma história. Repasse esta notícia para alertar seus amigos... não custa nada prevenir.

Quanto ao conteúdo, podemos notar uma clara diferença entre as LUCs e as lendas tradicionais. Enquanto as lendas tratavam de personagens míticos, os personagens nas LUCs são contemporâneos. Aqui, vemos a presença de uma vítima, um criminoso e de um elemento confirmador, nesse caso, a Polícia Militar de Santa Catarina. As circunstâncias também são facilmente reconhecíveis pelo leitor, como a chance de um assalto e o fato de a vítima estar realizando uma atividade mundana: estar em um 'bar, batendo papo, tomando uma cervejinha e se divertindo'. Além disso, a narrativa está em tempo presente, o que enfatiza o elemento de horror ou medo comum ao gênero.

Um aspecto que auxilia na criação do medo é a forma generaliza na qual tais narrativas são contadas. Usualmente em segunda pessoa, e no exemplo aqui apresentado em primeira pessoa, sem a definição específica de quem é ou foi vítima do golpe, tais narrativas deixam espaço para que qualquer leitor possa se reconhecer como possível personagem. Além disso, outros elementos comuns são o aviso de perigo, como em 'IMPORTANTÍSSIMO, Aviso da Polícia Militar SC', e o convite a repassar a informação: 'Repasse esta notícia para alertar seus amigos... não custa nada prevenir.'

Desse modo, podemos dizer que tais elementos de conteúdo e forma estão estreitamente ligados à função que as LUCs cumprem nas comunidades em que circulam. Para discutir tal função, me baseio nos estudos de Folklore, que veem as Lendas Urbanas funcionando como uma resposta coletiva aos medos, ansiedades e crenças de determinados grupos sociais. Essas histórias questionam as concepções de mundo das comunidades aonde surgem e são propagadas, ao mesmo tempo restringindo e reforçando a identidade de tal grupo social (HARDING, 2005; BRUNVAND, 1981, 1993, 2002; BEREMBAUM, 2001).

Sendo assim, com base na Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 1995, 2001), podemos ver as LUCs como gêneros textuais, ou seja, atividades semióticas que constroem, reconstróem ou desafiam identidades, relações sociais e conhecimentos ou formas de representar o mundo.

2. A Análise Crítica do Discurso e a Teoria da Estruturação

Sob a perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), a linguagem é uma forma de prática social, sendo que entre a linguagem e a sociedade existe sempre uma relação bidirecional aonde as formas discursivas são influenciadas pelos contextos sociais e estes pelo discurso. Dessa forma, as LUCs, enquanto textos, realizam o

trabalho ideológico de manter ou desafiar as crenças dos grupos sociais aonde se propagam.

Para se chegar aos aspectos ideológicos dos textos é necessário investigar sua produção, consumo e efeito social (FAIRCLOUGH, 1992). Assim, a ACD é interpretativa e procura ser também explicativa. É especialmente pela intenção de explicar a razão dos textos, seus significados e inter-relações que temos necessidade de um componente sociológico para se discutir o uso da linguagem enquanto prática social.

Com a intenção de estabelecer o modo como a produção e o consumo, em outras palavras, a leitura e a interpretação desses textos, as LUCs, resultam da inter-relação entre várias dimensões de caráter social, sugiro olharmos para a Teoria da Estruturação de Giddens (1979, 1984). Sob essa perspectiva, tais dimensões incluiriam, entre outras: as prescrições de papéis associadas às identidades e posições que os indivíduos ocupam em contextos específicos, e as práticas sociais nas quais os indivíduos se relacionam e mantêm ou desafiam diferentes identidades e posições (MEURER, 2002), como veremos a seguir.

3. Prescrições de Papéis e Práticas Sociais

De acordo com Giddens (1979), as pessoas interagem em práticas sociais que são determinadas por, e ao mesmo tempo determinam, a estrutura social e a determinação de papéis, aonde os papéis sociais trazem consigo certas prerrogativas e obrigações que constituem tal posição. A prescrição de papéis se refere então aos privilégios e deveres associados a determinadas identidades sociais. A estrutura social, por sua vez, é estabelecida pelas regras que estes indivíduos seguem e os recursos que eles possuem para perpetuar ou desafiar tais regras, como vemos a seguir (Figura 1).

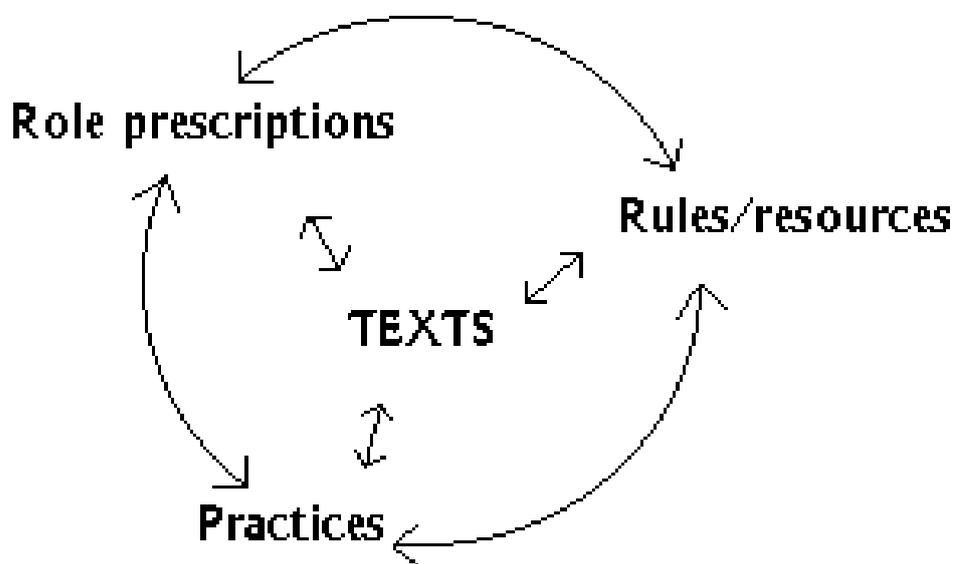


Figura 1. A interrelação entre a prescrição de papéis, regras e recursos e práticas sociais. (Baseado em Giddens 1979, p. 117).

No texto aqui discutido, podemos olhar para a prescrição de papéis relacionada tanto ao leitor e ao reproduzidor do texto, quanto aos personagens apresentados.

As práticas sociais são as atividades nas quais os indivíduos se envolvem enquanto conduzem as suas vidas diárias. Assim, tanto a reprodução (o reenvio da LUC via correio eletrônico) do texto, quanto as atividades narradas nele (estar sentado em um bar, tomando uma cervejinha e se divertindo com os amigos, por exemplo) são consideradas como tal.

Dessa forma, vemos aqui a prescrição de papéis relacionada aos seguintes atores: o reproduzidor do texto, o leitor do texto, a vítima (você, o proprietário de um carro), seus amigos (que o acompanham e merecem ser alertados), o criminoso (um indivíduo), a Polícia Militar e ‘três pessoas baleadas’ em uma mesma noite (sendo os dois últimos legitimadores da narrativa).

4. Regras e Recursos

As práticas sociais nas quais os indivíduos se envolvem podem ser restringidas ou permitidas pela estrutura social, que se constitui da alocação de regras e recursos (GIDDENS, 1979). As regras são os elementos normativos legitimados através de códigos de significação, isto é, significados socialmente compartilhados que sancionam o comportamento humano. Os recursos, por outro lado, podem ser alocativos, aqueles que permitem o controle sobre objetos e bens materiais ou autoritativos, que permitem o poder sobre outros atores sociais (GIDDENS, 1984).

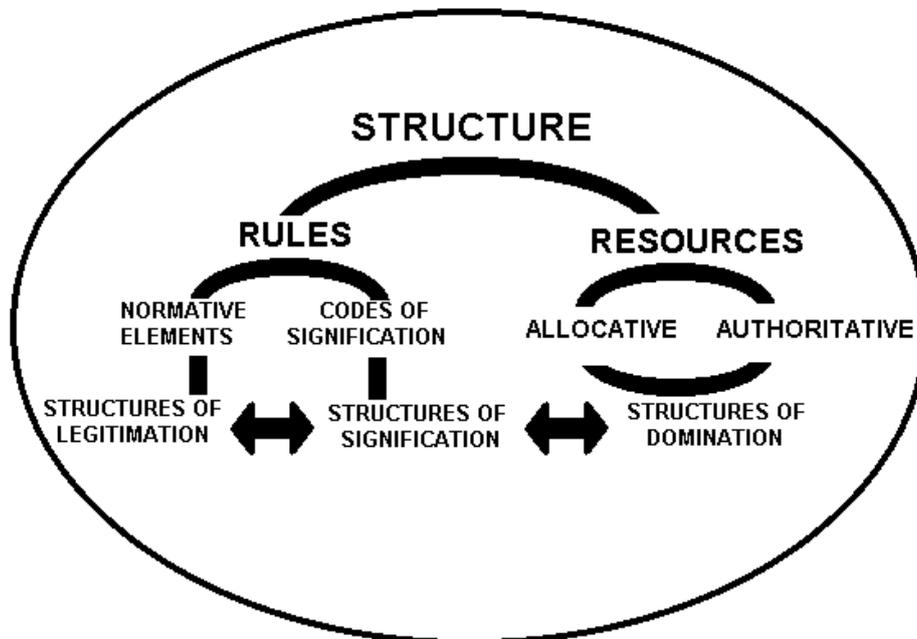


Figura 2. Regras e Recursos (retirado de Meurer, 2004)

Quando os indivíduos se envolvem em práticas sociais, portanto, eles podem, através da sua ação e do discurso materializado em seus textos, reforçar a estrutura vigente ou desafiar-la, criando assim novas regras através da utilização de recursos, e assim influenciar o surgimento de novas ou diferentes práticas sociais.

Vejamos então a regra principal que parece legitimar o comportamento dos atores envolvidos na LUC aqui apresentada. A ação da vítima parece estar estreitamente relacionada com as regras sociais que recaem sobre o proprietário de um carro. De modo a não podar o direito de ir e vir de outros indivíduos é necessário que o proprietário de um veículo tome cuidado ao estacioná-lo para que este não bloqueie a entrada ou saída de outros. Assim, ao ser informada de que tal fato está ocorrendo, a vítima, ‘bastante solícita’, decide seguir a regra e movimentar seu veículo, o que a leva a cair no golpe descrito. Assim, vemos que a posse de um recurso alocativo está associada a um conjunto de regras sociais.

Já o recurso autoritativo que parece ser mais importante aqui é o conhecimento. Primeiro, consideremos como prática social a transmissão do texto em si. O transmissor, ou reprodutor da mensagem via correio eletrônico, acredita estar de posse de uma informação valiosa e supostamente desconhecida pelo leitor. Assim, ele exerce poder sobre a estrutura social ao avisar possíveis futuras vítimas do risco que correm, e assim evitar que o golpe se repita, de forma que o seu envolvimento discursivo viria a desafiar a estrutura corrente.

Por outro lado, conforme dito anteriormente, sabemos que as LUCs tendem a lidar com os medos enraizados nos grupos em que elas circulam (HARDING, 2005; BRUNVAND, 1981, 1993, 2002; BEREMBAUM, 2001), nesse caso, o medo de atos de violência que podem levar a perda de bens materiais (‘seus pertences’) ou da integridade física (‘e ainda tem sorte senão levar um tiro’). Desse modo, a retransmissão da informação contida no texto acaba por reforçar os mesmos medos vigentes em tal grupo social.

Os personagens da narrativa também são designados certos recursos autoritativos. A vítima, parece faltar o conhecimento do possível golpe, já que podemos inferir que, caso soubesse da possibilidade, teria evitado o ocorrido. O criminoso, por outro lado, conhece a regra de que o proprietário de um carro não deve, com esse, impedir a movimentação de outras pessoas, e com isso, pode enganar a ‘solícita’ vítima. Os amigos assumem um papel passivo; falta-lhes o conhecimento do golpe, de modo que eles não podem evitá-lo e ao mesmo tempo merecem ser avisados sobre isso. Já a Polícia Militar e as três pessoas baleadas em uma mesma noite possuem tal recurso e, portanto, legitimam a informação.

5. A Modernidade Líquida enquanto Contexto Sociocultural das Lendas Urbanas Contemporâneas

Bauman (2001) argumenta que a presente condição moderna não implica em um ‘fim’ da Modernidade como a conhecemos, mas em uma reorganização de temas e categorias. A esse novo período, ele chama Modernidade Líquida.

Enquanto em sua forma sólida, a Modernidade envolvia o controle sobre a natureza, a hierarquia, regras, controle e categorização, tudo na tentativa de ‘organizar’ o caos da experiência humana. Contudo, Bauman (2001) argumenta que isso nunca foi alcançado, e que a ‘desorganização’ da experiência se amplia na mudança de uma modernidade definida, territorializada, nacionalizada, para uma modernidade globalizada, nômade, migratória, sofrendo os efeitos (positivos ou negativos) da Internet e das novas tecnologias.

Nesta nova situação, instituições sociais já não têm mais tempo de se solidificar e servir como referência para as ações humanas; Assim, os indivíduos precisam encontrar novas maneiras de reorganizar suas vidas. Alguns conceitos tradicionais, como o de ‘carreira profissional’, perdem a sua estabilidade e os indivíduos

precisam estar sempre prontos para se readaptar, abandonar compromissos e seguir oportunidades de acordo com a sua situação atual. Na Modernidade Líquida, então, os indivíduos necessitam planejar suas ações em condição de incerteza constante.

A cultura, nessa perspectiva, pode ser definida como

a organização social de significados, interiorizados de modo relativamente estável pelos sujeitos em forma de esquemas ou representações compartilhadas, e objetivados de formas simbólicas, tudo isso em contextos historicamente específicos e socialmente estruturados² (GIMENEZ, 2009).

É nesse ambiente que as Lendas Urbanas Contemporâneas surgem, como uma forma discursiva de compartilhamento de nossos medos e crenças, tornando-se um modo de lidarmos com a condição de incerteza constante em que vivemos.

As comunidades, nessa perspectiva, aparecem como um acontecimento, e não como um efeito natural do mundo social; elas se referem à adesão a um modelo cultural que incorpora determinados rituais, práticas e artefatos culturais.

As ‘comunidades da *mesmidade*³’, predeterminadas, mas aguardando serem reveladas e preenchidas com matéria sólida, estão cedendo vez a ‘comunidades de *ocasião*’, que se espera serem autoconstruídas em torno de eventos, ídolos, pânicos ou modas (BAUMAN, 2003).

Com tudo isso, o conceito de identificação assume nova relevância. Segundo Hall (2000, p. 106), a identificação é construída “a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal.” Em outras palavras, enquanto a identidade é o elo que nos liga a nós mesmos, a identificação é o que nos liga aos outros. Assim, ao compartilhar as LUCs, e com elas, nossos medos, nos associamos a uma dessas ‘comunidades de ocasião’. Por mais diferentes que sejam as nossas identidades individuais, nos identificamos com os outros, aqueles que compartilham, nesse caso, do mesmo pânico que nós.

Conclusão

A discussão aqui apresentada aponta as Lendas Urbanas Contemporâneas como um gênero textual de natureza exortatória, que tende a propagar construtos sociais profundamente enraizados na atual Modernidade Líquida em que vivemos.

As Lendas Urbanas, na Modernidade Líquida, surgem como relatos de advertência, nos avisando dos perigos amorfos e iminentes do mundo. Como diz Spivak (1994, p. 188),

a escritura é uma posição em que a *ausência*⁴ do autor na trama é estruturalmente necessária. A leitura é uma posição em que eu (ou um grupo de “nós” com quem partilho um rótulo

² Minha tradução do original: “La organización social de significados, interiorizados de modo relativamente estable por los sujetos em forma de esquemas o de representaciones compartidas, y objetivados em formas simbólicas, todo ello em contextos históricamente específicos y socialmente estructurados”.

³ Grifos originais do autor.

⁴ Grifo original do autor.

identificatório) faço dessa anônima trama a minha própria, encontrando nela uma garantia da minha existência enquanto eu mesma, uma de nós.

Assim, através do medo representado nas LUCs, nos identificamos com os outros – e todos os outros que partilham de nossos medos, não importando o quão longe geograficamente eles estejam.

Além disso, enquanto a retransmissão de tais Lendas parece assumir o papel de desafiar a estrutura social vigente, ao evitar que golpes iguais ou semelhantes se repitam, a dualidade do discurso permanece. Ao retransmitir tal narrativa, há outra estrutura discursiva que acaba por ser mantida: o discurso do medo.

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. *Amor Líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- BEREMBAUM, M. Caught in the Net. *American Entomologist*, 47 (1); 2001.
- BRUNVAND, J. H. *The Vanishing Hitchhiker: American urban legends and their meanings*. New York: W. W. Norton, 1981.
- BRUNVAND, J. H. *The baby train*. New York: Norton, 1993.
- BRUNVAND, H. *Encyclopedia of urban legends*. New York: Norton, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. New York: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse*. New York: Routledge, 2001.
- GIDDENS, A. *The constitution of society. Outline of the Theory of Structuration*. Cambridge: Polity Press, 1984.
- GIDDENS, A. *Central problems in sociological theory*. Berkeley: University of California Press. 1979.
- GIMENEZ, G. *Cultura, identidad y memoria: materiales para una sociología de los procesos culturales em lãs franjas fronterizas*. Frontera norte, 21:41, 2009.
- HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- HARDING, N. *Urban legends*. Reading, Great Britain: Cox & Wyman, 2005.
- MEURER, J. L. Identidades, práticas sociais e estrutura social: Uma base tri-dimensional para a conscientização discursiva do profissional da linguagem. In: *VI Congresso Brasileiro de Lingüística Aplicada – A linguagem como prática social*. Belo Horizonte: UFMG/ALAB, 2002.

MEURER, J. L. Role prescriptions, social practices, and social structures: A sociological basis for the contextualisation of analysis in SFG and CDA. In: YOUNG, L. & HARRISON, C. (Eds.). *Systemic functional linguistics and critical discourse analysis. Studies in social change*. London/New York: Continuum, 2004.

SPIVAK, G. Quem reivindica a alteridade? In: Hollanda, Heloisa, B. *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing Social Semiotics*. New York, Routledge, 2005.